

Produtos argentinos são embarcados rumo ao Brasil: uma tábua de salvação para os exportadores



O ministro argentino Domingo Cavallo aposta na estabilidade econômica do Brasil

Plano Real favorece reeleição de Menem

A estabilização econômica do Brasil, em consequência do Plano Real, tem reflexos positivos na Argentina, ajudando, indiretamente, o presidente Menem a conseguir o objetivo de reeleger-se em maio próximo

Marcio Resende Jr.

Das centenas de milhares de *containers* que hoje se amontoam no porto de Buenos Aires à espera do embarque, a maioria pode ter um destino muito mais curto do que se imaginava há alguns meses: o Brasil. Os motivos são fáceis de entender.

Com o Plano de Conversibilidade, a dolarização da economia argentina elevou o custo de vida e encareceu substancialmente a produção. Estes dois elementos foram determinantes para

que diversos setores do país não resistissem à entrada em massa de produtos importados – muitos deles provenientes do Brasil – facilitada pela abertura neoliberal e macroeconômica.

Falta de competitividade e desemprego – Simultaneamente, a paridade cambial fixa de 1 dólar por 1 peso desde 1991 – apesar da inflação acumulada de 57% no período – criou inúmeras dificuldades para os exportadores, restringindo sua capacidade de competir no mercado internacional. A consequência foi um recorde histórico no de-

semprego, mostrando o lado mais perverso do plano.

Através das estatísticas oficiais, sabe-se que 10,9% da população economicamente ativa está desempregada (quase um milhão e meio de pessoas) e outros 10,8% se encontram subempregados.

Esses dados vão na contramão da aspiração de reeleição do presidente Carlos Menem, que em apenas 120 dias conseguiu convocar eleições para uma Assembléia Constituinte. O seu objetivo – plenamente alcançado, graças a um acordo com o ex-presidente Raúl Alfonsín (ver matéria nesta edição: “Nada

Os exportadores argentinos e brasileiros não devem esperar grandes mudanças nos próximos meses, mas com a supervalorização do real se suavizará o déficit da balança comercial da Argentina



A vitória de Fernando Henrique Cardoso foi bem recebida pelo governo e os empresários da Argentina

será como antes”) – era reformular a Carta argentina e introduzir um dispositivo que permitisse a reeleição presidencial.

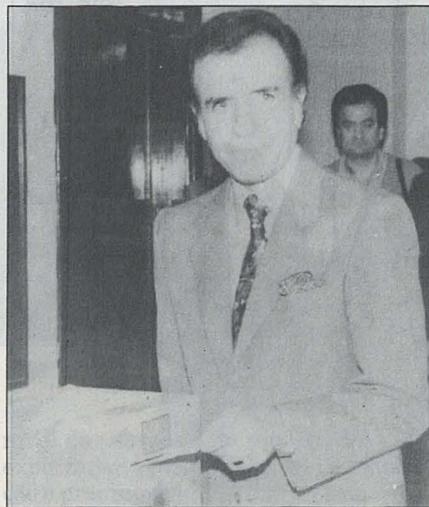
Tábua de salvação – Porém, uma contribuição fundamental às manobras para favorecer a reeleição do presidente surgiu do Brasil, inúmeras vezes criticado pelo governo e pelos empresários devido à ausência de uma política de estabilização que aproximasse o então cruzeiro real da moeda argentina, o peso.

A adoção da Unidade Real de Valor (URV) e, posteriormente, do real como moeda, assim como a vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições de 3 de outubro do ano passado, fizeram com que as queixas desaparecessem. E não era para menos. A supervalorização antecipada do real (em média de 15% so-

bre o dólar) funcionou como um “grande presente” do Brasil para seu vizinho.

O que ocorre é que o Brasil é o principal sócio comercial da Argentina, ao consumir 25% de todas as suas exportações. Além disso, o estabelecimento do Mercado Comum do Sul (Mercosul) em janeiro passado intensifica esta relação e colabora para atenuar os problemas que os argentinos estão enfrentando com a supervalorização do próprio peso, forçada pela paridade.

Para sorte da dupla Menem-Cavallo, essa “mãozinha” vem na hora certa, já que as próximas eleições se realizarão em 14 de maio. Até lá, o processo de encarecimento da produção brasileira ajudará os produtos argentinos a parti-



Obcecado com sua reeleição, Menem tem deixado as questões econômicas e o tema do Mercosul em mãos de Cavallo

cipar do boom de consumo provocado pela estabilização no Brasil.

Fato consumado – Por conta de tudo isso, ninguém questiona que Menem terá cinco anos mais de mandato. Os membros do governo, a classe empresarial e a opinião pública se comportam como se sua reeleição fosse já um fato consumado.

O próprio presidente se mostra mais preocupado em garantir seu emprego já no primeiro turno do que com o déficit comercial ou com o início do Mercosul em 1º de janeiro passado. E sua pretensão tem recebido certo respaldo nas pesquisas de intenções de voto e no fato de ter conseguido apoio suficiente para mudar a Constituição (atualmente, para ser eleito já no primeiro turno, é preciso obter 45% dos votos ou alcançar 40%, superando o candidato situado em segundo lugar por uma margem de pelo menos 10%).

Os exportadores argentinos e brasileiros não devem esperar grandes mudanças nos próximos meses, mas com a supervalorização do real, o déficit da balança comercial argentina – que em 1993 alcançou aproximadamente 5,5 bilhões de dólares – será sem dúvida suavizado. Cada *container* que deixa o porto de Buenos Aires serve para recuperar setores prejudicados pelo Plano Cavallo e promover mais empregos. Em última instância, significa também garantir a reeleição de Menem até o fim do século. ■

Uma torcida de alto nível

As autoridades argentinas se baseiam em sua própria experiência de 25% de crescimento econômico em três anos de plano, com 12% de aumento do consumo no primeiro ano, para justificar a expectativa positiva de que o Brasil solucione uma boa parte das dificuldades que se aproximam.

Isso se vê claramente nas repetidas declarações à imprensa dos principais nomes políticos da Argentina sobre a futura gestão de Fernando

Henrique Cardoso. Um bom exemplo são as palavras do ministro de Relações Exteriores, Guido Di Tella, para quem “o Brasil será o principal elemento dinamizador da economia argentina”. Ou, como assinala o ministro da Economia, Domingo Cavallo: “Cruzo os dedos para que o Brasil cresça mais que a Argentina e se estabilize antes, porque isso também vai nos ajudar muito”, referindo-se à importância do mercado brasileiro para o seu país.